

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i29.775>

“A MULHER CULTA TEM MAIS POSSIBILIDADES DE UMA VIDA MELHOR”:
presença e interação de mulheres nas faculdades de direito, farmácia e odontologia no Maranhão (1940-1970)¹

“THE CULTURED WOMAN HAS MORE POSSIBILITIES FOR A BETTER LIFE”:
presence and interaction of women in law schools, pharmacy and dentistry in Maranhão (1940-1970).

“LA MUJER CULTA TIENE MÁS POSIBILIDADES DE UNA MEJOR VIDA”:
presencia e interacción de mujeres en las facultades de derecho, farmacia y odontología en Maranhão (1940-1970)

TATIANE DA SILVA SALES
Profa. Dra. do Curso Interdisciplinar em
Estudos Africanos e Afro-brasileiros/UFMA
São Luís - Maranhão
tatiane.ufma@gmail.com

Resumo: O início do século XX marca o estabelecimento das faculdades isoladas no Maranhão. Essas escolas de curso superior consagraram-se como espaço majoritariamente masculino, e a partir de década de 1940 há uma maior presença feminina nos cursos superiores, criando um marco de maior participação e interação feminina entre 1940 e 1970. Neste sentido, este trabalho busca escrever a história do ensino superior no Maranhão com ênfase na análise da presença feminina, na condição de alunas e professoras, notabilizando os espaços que ocuparam, suas atuações, conflitos envolvendo questões de gênero e disputas de poder por meio da educação. A presente pesquisa tem por objetivo compreender a organização, o processo e a inserção da mulher no ensino superior, sendo a universidade um espaço de educação, instrução e poder, com ênfase nos três primeiros cursos fundados no Maranhão - Odontologia, Farmácia e Direito.

Palavras-chave: Mulheres. Ensino Superior. Maranhão.

Abstract: The beginning of the twentieth century marks the establishment of the isolated colleges in Maranhão. These higher education schools were consecrated as a mostly male space and from the 1940s a greater female presence in higher education, creating a milestone of greater female participation and interaction between 1940 and 1970. In this sense, this paper seeks to write the history of higher education in Maranhão with emphasis on the analysis of female presence, as students and teachers, highlighting the spaces they occupied, their actions, conflicts involving gender issues and power disputes through education. This research aims to understand the organization, process and insertion of women in higher education, being the university a space of education, instruction and power, with emphasis on the first three courses founded in Maranhão - Dentistry, Pharmacy and Law.

Keywords: Women. University Education. Maranhão.

Resumen: El comienzo del siglo XX marca el establecimiento de facultades aisladas en Maranhão. Eses colegios de curso superior fueron consagrados como un espacio mayormente masculino, y desde la década de 1940 hay una mayor presencia femenina en la educación superior, creando un marco para una mayor participación e interacción femenina entre 1940 y 1970. En este sentido, este artículo busca escribir la historia de la educación superior en Maranhão con énfasis en el análisis de la presencia femenina, como estudiantes y profesores, resaltando los espacios que ocuparon, sus acciones,

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2019 e aprovado para publicação em dezembro de 2019.

conflictos relacionados con cuestiones de género y disputas de poder a través de la educación. Esta investigación tiene como objetivo comprender la organización, el proceso y la inserción de la mujer en la educación superior con énfasis en los primeros tres cursos fundados en Maranhão – Odontología, Farmacia y Derecho.

Palabras claves: Mujeres. Enseñanza Superior. Maranhão.

Introdução

As mulheres acessaram a educação superior mais tardiamente e durante séculos usou-se o discurso das funções sociais para restringir tal acesso. A partir do século XX, viu-se o despontar de participação feminina no ensino superior e a desde então um leque se abria onde cada vez mais o sexo feminino ocuparia espaços na academia. A inauguração de faculdades da área de humanas e filosofia, em várias regiões do país, buscou oferecer formação em ensino superior para exercício do magistério e isso se deu como um atrativo para as mulheres cursarem uma graduação. Jane Soares de Almeida e Marisa Soares mostram que:

O mundo estava mudando e o acesso à educação superior, com o almejado diploma para exercer uma profissão, se configurava aos espaços demarcados pelas Ciências Humanas e o número de professoras formadas pelas universidades nunca foi tão alto. Na educação superior, o acesso das mulheres a esse nível de ensino se consolidou, mesmo com o ingresso ainda restrito para a maioria².

Na USP, da década de 1940, Blay também destaca como o estabelecimento da Faculdade de Filosofia representou um espaço na Universidade que vai ser muito aproveitado pelas mulheres, até porque a ideia era de que a área de humanas voltava-se à docência, que era um campo mais tradicionalmente ocupado pelo público feminino.

A Faculdade de Filosofia significou para as mulheres uma ampla possibilidade de ingresso no ensino superior. Abria-se um espaço e uma oportunidade para trilhar novos caminhos em meio a uma sociedade que preconizava um modelo tradicional e conservador para a mulher: casamento, lar, filhos. Para a burguesia, apenas atividades profissionais ligadas ao ensino, visto como uma continuação da educação dada no lar, eram vistas como condizentes com a imagem feminina aceita. Institucionalmente, o destino educacional permitido às mulheres praticamente restringia-se ao ensino primário e normal. Quando se abre às mulheres a oportunidade concreta de frequentar o ensino superior da USP e da FFCL, elas literalmente agarram a oportunidade³.

Apesar de o Maranhão só ter registro da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia em fins da década de 1950, é importante notar como tal faculdade possibilitou a

² ALMEIDA, Jane Soares; SOARES, Marisa. Mudaram os tempos, mudaram as mulheres? memórias de professoras do ensino superior. *Rev. Avaliação*, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 562, jul. 2012.

³ BLAY, Eva Alterman; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, USP, 2004. p. 56.

instrução feminina em nível superior em escalas mais significativas. No Maranhão, homens e mulheres puderam contar, inicialmente, somente com três Faculdades: Direito, Farmácia e Odontologia, e, posteriormente, a Faculdade de Enfermagem. A partir de 1950, outras faculdades foram estabelecidas no estado: a Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade de Ciências Econômicas; a primeira Escola de Administração do Maranhão; em 1966, a Faculdade de Engenharia do Maranhão; a Escola de Agronomia do Maranhão e a Faculdade de Educação de Caxias.

À medida em que a oferta de cursos superiores no Maranhão aumentava, era proporcional também o aumento de interesse de jovens sobre os mesmos, gerando assim significativa concorrência nos exames vestibulares.

[...] nada como investir na obtenção de um diploma. Ao longo dos anos 1960 e 1970, as diferenças curriculares entre alunos e alunas se dissolveriam, proporcionando melhores oportunidades às mulheres de concorrer a uma vaga na universidade e, claro, uma mudança de atitude com relação à educação superior da mulher. A escolaridade feminina seria vista como mais um passo na direção da independência financeira para as mulheres, além de uma forma de equiparar homens e mulheres na vida profissional⁴.

Outrossim, não seria mais possível ignorar a presença de mulheres nas diversas instituições de ensino e em todos os níveis educacionais, de forma que em fins da década de 1970 ganhou destaque o fato do vestibular da Universidade Federal ter sido marcado por maioria feminina.

Tudo pronto, tanto na Universidade do Maranhão e na Federação das Escolas Superiores para o início da guerra do vestibular, que tem o seu ponto de partida às 8 horas de domingo. 7.318 candidatos vão se empenhar durante quatro dias na esperança da conquista de uma das 835 vagas oferecidas para os mais diversos cursos. O sexo feminino predomina em 16,66% a mais do masculino para a Universidade, enquanto os homens ultrapassam as mulheres na FESM. Os cursos mais procurados pela Universidade são Medicina e Odontologia⁵.

Figura 1: Vestibular da Universidade Federal do Maranhão.

⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 514.

⁵ MULHERES formam a maioria. *O Jornal*, São Luís, ano 1, n. 217, p. 1, 6 jan. 1978.



Fonte: MULHERES formam a maioria. *O Jornal*, São Luís, ano 1, n. 217, p. 1, 6 jan. 1978.

No entanto, apesar de inúmeros registros da presença feminina nos cursos de graduação e do interesse cada vez maior, a linguagem sobre a ciência, a educação superior e a profissionalização ainda era masculinizada, por exemplo, numa propaganda, no *Jornal do Maranhão*, sobre a Faculdade de Medicina no estado, destaca que esta escola é um: “Laboratório onde se preparam homens para combater o problema sanitário no Maranhão” (grifo do jornal), mas as imagens da própria reportagem apresentam uma contestação da chamada da reportagem, onde é possível identificar a presença de mulheres na aula de anatomia.

Figura 2: Aula de Anatomia do Curso de Medicina



Fonte: JORNAL DO MARANHÃO, p. 6, 27 jul. 1961.

Apesar de as décadas de 1960-70 pontuarem mulheres no ensino superior de forma mais significativa, foi durante os anos de 1940-50 que as primeiras mulheres se fizeram notar no ensino superior do estado. Na primeira turma de formandos de Direito (1949), após a reabertura da universidade em 1944, contou com 23 pessoas, destas duas eram mulheres: Iêda de Medeiros Campos e Consuelo Wanick Ribeiro. Primeira turma de

formandos em Farmácia, 1947, da nova composição do curso com a Fundação Paulo Ramos, contou com 09 pessoas, sendo uma mulher: Benedita Silva Atta. Primeira turma de formandos em Odontologia, 1947, da nova composição do curso com a Fundação Paulo Ramos, contou com 13 pessoas, dentre estas quatro mulheres: Antônia do Carmo Miranda, Dulcinéa Soares Nunes, Helena Viana Koblitz e Rosa Gomes Bogéa.

Esta nova etapa dos cursos superiores em São Luís aponta já o interesse e a participação feminina, isto pode ocorrer pelo fato de que, ao longo da década de 1940-50, moças de classe média urbanas se despertam sobremaneira para possibilidades várias de profissionalização. Alguns trabalhos indicam, sobre seus espaços de pesquisa, que esse movimento no período citado ainda se tratava mais de uma preparação para o matrimônio, pois era em espaços como estes que as mulheres tinham acesso aos rapazes com melhores condições para futuros maridos. O trabalho de Elizeth Passos⁶, sobre as mulheres nas faculdades de filosofia em Salvador, defende que, até fins dos anos 60, as mulheres colocavam o casamento como prioridade e que a sociedade, bem como muitas das próprias mulheres, recebia a faculdade como uma ocupação enquanto esperavam o noivo. Não temos indícios de que as mulheres no Maranhão faziam do ensino superior como um curso “espera marido”, mas, ao contrário disso, têm-se vários exemplos de mulheres que entraram no mercado de trabalho e isto nos indica que a graduação não representava um passatempo.

Voltando para a indicação da presença feminina no meio universitário, abaixo apontamos um breve balancete das matrículas do segundo ano na Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Luís que mostram um crescimento da inserção de mulheres ao ensino superior e formação profissional. Quantos desafios tais mulheres enfrentaram desde a ideia de submeter-se ao exame vestibular até a conclusão de seus estudos?

Quadro 1: Comparativo de Matrículas do 2º ano no curso de Farmácia – São Luís

ANO	MULHERES	HOMENS	TOTAL
1950	12	03	15
1951	08	03	11
1952	07	08	15
1953	09	03	12
1954	03	01	04
1955	03	08	11
1956	12	04	16
1957	05	02	07

⁶ PASSOS, Elizete. *Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999. p. 55.

1958	11	06	17
1959	07	06	13
1960	08	07	15
1961	07	05	12
1962	07	07	14
1965	11	04	15
1966	09	08	17
1967	05	06	11
1968	24	16	40
1969	12	07	19
TOTAL			

Fonte: Fichário de Matrícula do curso de Farmácia da Faculdade de Odontologia e Farmácia de São Luís (1950 - 1969).

Os números citados acima são muito expressivos quando relacionam valores da entrada de homens e mulheres no curso de Farmácia. Ao longo de quase duas décadas, é possível perceber que foram matriculadas no segundo ano do curso de Farmácia 160 mulheres para 104 matrículas de homens e, apenas nos anos de 1952, 1955 e 1967, a presença masculina foi timidamente superior à feminina. Há uma certa regularidade numérica da presença feminina no curso de Farmácia, com uma média que varia entre 3 a 12 mulheres ao longo dos 19 anos que a tabela cobre. Só havendo um acento considerável no ano de 1968 para logo decrescer.

Embora não seja um número expressivo, essa presença é importante pois se trata de dados de um curso num estado periférico do país. Assim, temos jovens de outros estados como do Pará, Ceará e, principalmente, do Piauí realizando o curso no Maranhão. Aparecem ainda jovens de outros estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia.

Em 1924, forma-se a primeira turma de bacharéis em Direito, com seis homens e sem a presença feminina entre os formandos. Apenas em 1925, tem-se o registro da formatura com presença de uma mulher, “[...] em 22 de março de 1925, [...] ocorreu a colação de grau dos quatro acadêmicos que então terminaram o curso da Faculdade de Direito. Foram os seguintes os novos bacharéis: Américo Nunes, Silvio Rebello, Zélia Campos e Edison Brandão (orador)”⁷. O que nos sugere a presença de uma mulher entre formandos de direito, no Maranhão, ainda na década de 1920?

As mulheres que conseguiam prosseguir os estudos além do primário geralmente encerravam sua trajetória estudantil nos cursos profissionalizantes. O mais comum

⁷ DINO, Sálvio. *A Faculdade de Direito do Maranhão (1918 - 1941)*. São Luís: EDUFMA, 1996. p. 53.

deles era o normal, que preparava para o magistério primário, e em seguida os que formavam para as funções auxiliares na indústria e comércio e que, segundo a legislação, não equivaliam ao curso secundário, única via de acesso ao ensino superior. Deste modo, quanto mais se subia na escala educacional, menos as mulheres estavam representadas, tornando a presença masculina predominante nas ocupações mais prestigiadas socialmente⁸.

No entanto, reportando-se ao início das atividades de ensino de terceiro grau no Maranhão, deve-se observar que as mulheres ainda eram minoria em alguns cursos, e uma das questões que impossibilitava este acesso era o próprio esquema educacional voltado para o gênero feminino.

Quadro 2: Comparativo dos(as) Concludentes dos Cursos de Direito e Farmácia

Ano	Homens - Direito	Mulheres - Direito	Total - Direito	Homens - Farmácia	Mulheres - Farmácia	Total - Farmácia
1950	13	02	15	03	12	15
1951	04	02	06	03	08	11
1952	16	02	18	04	08	12
1953	26	07	33	03	12	15
1954	14	05	19	03	08	11
1956	24	11	35	03	09	12
1957	32	05	37	01	03	04
1958	19	05	24	02	05	07
1959	25	07	32	05	09	14
1960	23	04	27	02	05	07
1961	25	12	37	04	07	11
1964	21	08	29	03	10	13
1966	17	05	22	03	10	13

Fonte: Secretaria do Curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão. Secretaria do Curso de Farmácia da Universidade Federal do Maranhão. 1950/60.

Acima, apresentamos um quadro comparativo entre concludentes do curso de Farmácia e Direito, ao longo dos anos 1950-60, onde se pode observar que, para o curso de Farmácia, havia uma maioria significativa de mulheres e para o curso de Direito a presença mais expressiva era masculina.

Quadro 3: Matrículas da Faculdade de Direito

ANO	PERÍODO	MULHERES	HOMENS	TOTAL
1972		33	51	84
1974		34	53	87
1975	1º semestre	12	28	40
1975	2º semestre	19	26	45
1976	1º semestre	18	38	56
1976	2º semestre	13	29	42
1977	1º semestre	17	23	40

⁸ VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 56.

1977	2º semestre	20	36	56
1978	1º semestre	10	40	50
1979	1º semestre	20	47	67
1979	2º semestre	16	26	42

Fonte: Secretaria do Curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão.

Vera Puga Sousa aponta como, em geral, as mulheres não tinham as mesmas oportunidades de preparo para concorrer aos cursos mais requisitados, como a Faculdade de Direito, por exemplo.

[...] essas mesmas mulheres não eram preparadas, na escola secundária, para concorrerem com os homens nos concursos vestibulares para Medicina, Odontologia, Engenharia, Advocacia e Economia, considerados os melhores cursos da época e os quais davam retorno, em termos financeiros e status social⁹.

Um dos fatores que não promovia o preparo de tais mulheres para a educação superior está baseado no fato de que, no ano de 1940, cerca de 48% das pessoas diplomadas eram mulheres, mas, destas, mais de um terço tinham formação secundária no magistério, isto é, a formação preparatória para o ensino superior ficava em sua maioria com os homens, este fator dificultava em muito a disputa pelas poucas vagas nos exames de acesso ao ensino superior¹⁰.

A progressiva integração das mulheres num sistema educacional universal, de segundo e terceiro graus em expansão, foi elemento decisivo para a redefinição da estratificação de gênero, principalmente entre segmentos sociais com maior acesso a ocupações com melhor renda e status; e também para permitir que pagassem alguma outra mulher para realizar pelo menos parte das tarefas domésticas. Devido ao crescimento do ensino secundário no país, muitas mulheres voltaram-se inicialmente para as faculdades, qualificando-se para o magistério neste nível – função para a qual pareciam naturalmente inclinadas, pois não conflitava com os papéis de mães e esposas na família¹¹.

Dessa forma, as diferenças educacionais entre rapazes e moças se davam desde a escolha entre cursar o ensino secundário clássico ou o curso normal. Carmen Lúcia Barroso aponta que, de 1955 para 1970, o número de mulheres que se matricularam no colegial aumentou 4,9 vezes e, a partir de 1965, elas já eram mais numerosas entre os(as) formandos(as), porém a crescente participação da mulher nesse grau de ensino não produziu mudanças no padrão de distribuição dos dois sexos e as moças predominavam ainda no curso normal. Afirma que: “Uma formação mais semelhante de moças e rapazes provavelmente

⁹ SOUSA, Vera Lúcia Puga de. *Entre o bem e o mal: educação e sexualidade nos anos 60 (triângulo mineiro)*. 1991. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. p.101.

¹⁰ BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

¹¹ VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós- modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 62.

faria com que, no ensino superior, a participação das moças pudesse se realizar em condições de maior igualdade”¹². No entanto, apesar das limitações existentes no componente curricular da escola Normal, no sentido de contemplar o exame vestibular, muitas mulheres buscaram superar as dificuldades de formação para entrar no ensino superior, tendo que realizar cursinhos paralelos de preparatórios aos exames.

Sobre a participação e acesso de mulheres ao ensino superior no início do século XX, Susan Besse¹³ destaca que: “No final da década de 1920, as mulheres ainda haviam caminhado muito pouco no ingresso em instituições de ensino superior, a não ser nas áreas de Farmácia e Odontologia, que eram as profissões médicas de menor prestígio”.

Ainda pensando nas carreiras inicialmente escolhidas pelas mulheres ao trilharem os caminhos da Universidade.

As estudantes, que em sua grande maioria seguiam o normal, passaram a ter, concretamente, maiores oportunidades para prosseguir os estudos após se formarem como professoras primárias. Ao mesmo tempo, porém, continuaram procurando, mesmo nas universidades, cursos que levassem à carreiras tipicamente femininas, como magistério de nível médio, pedagogia e enfermagem¹⁴.

Alguns obstáculos existiam tanto para a expansão da presença da mulher no meio universitário quanto no que se refere à escolha dos cursos, estes “constituem-se dos valores ou estereótipos relativos ao papel social da mulher, veiculados pela família, por outros grupos de referência e pelos meios de comunicação de massa, e reforçados pelo sistema escolar”¹⁵ de que havia cursos mais apropriados para um ou outro sexo.

A presença, inicialmente, de mulheres nos cursos de Direito, Farmácia e Odontologia foi tímida, ainda que em maior escala, nos dois últimos cursos. Somente a partir de década de 1940-50 é que as mulheres passaram a compor o meio acadêmico em São Luís com maior visibilidade, mesmo porque “muito poucas mulheres frequentaram as escolas secundárias preparatórias para a universidade. As que provinham de classe social mais alta do que as que em geral frequentavam as escolas de artes e ofícios, frequentavam escolas comerciais e técnicas para aprender datilografia e estenografia ou escolas normais para formar-se para o magistério”¹⁶.

Paulatinamente o saber escolar deixou de ser um privilégio dos meninos. Porém, enquanto vários desses meninos continuavam seus estudos até galgarem o diploma universitário, um número significativo de jovens mulheres até os anos de 1950 mal conseguia concluir o curso secundário. As que seguiam em frente nos estudos

¹² BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, n. 15, p. 49, 1975.

¹³ BESSE, op. cit., p. 128.

¹⁴ VAITSMAN, op. cit., p. 62-63.

¹⁵ BARROSO; MELLO, op. cit., p. 50.

¹⁶ BESSE, op. cit., p. 136.

quase sempre optavam pelas carreiras profissionais consideradas femininas, ou seja, o magistério e a enfermagem. A rígida disciplina em relação ao corpo, o uso dos uniformes impecáveis, os castigos, as orações, as lições de canto e solfejo, as posturas vigiadas nas aulas de Educação Física e no refeitório, entre outras práticas, caracterizavam o cotidiano escolar dessas estudantes¹⁷.

As mulheres que fizeram parte do ensino superior no Maranhão eram pertencentes à classe média urbana, muitas nascidas em São Luís, embora também houvesse aquelas que saíam de sua cidade natal, normalmente o interior do estado, para estudar em São Luís, pela impossibilidade de continuidade aos estudos. Os altos custos para a manutenção no ensino superior, com livros, material de laboratório, equipamentos individuais e as taxas que foram cobradas até fins da década de 1970 são alguns dos indícios de que o público do ensino superior no estado compunha classe social mais favorecida.

Sob a perspectiva de que a renda do trabalho feminino seria apenas uma ajuda financeira na manutenção da família, as oportunidades de acesso ao ensino profissionalizante dentro do universo feminino também foram se ampliando. O termo “ajuda” é preconceituoso pois é visto sempre como complementar, menos importante que o masculino.

A participação das mulheres na educação e em atividades remuneradas fora de casa, fosse como operárias, fosse como profissionais de nível médio e superior, aparecia como um primeiro desafio a um sistema de hierarquia sexual que, de fato, seria transformado, à medida que se deixasse tocar pelos conflitos entre igualdade e hierarquia trazidos pelos ares da modernização¹⁸.

Esta prática reflete o alvorecer de algumas mudanças importantes na concepção de família e na forma como as mulheres, destes segmentos médios, entendem-se nestas sociedades, contrariando a hierarquia sexual vigente. A tese defendida por Vaitsman aponta que tais mulheres estavam cientes dos processos de mudança que protagonizaram neste período e como isso refletiu para profundas alterações sociais no mundo público e privado também.

Até a década de 1940, as faculdades de Direito e Farmácia e Odontologia foram as únicas instituições de ensino superior no Estado. A diferença na matrícula de mulheres nas duas faculdades pode ser explicada pela característica desses cursos, sendo o curso de direito destinado a formar não somente os magistrados, mas a própria elite dirigente, tanto do poder legislativo como da administração pública, e os cursos de farmácia e odontologia para prepararem profissionais para atuarem na área da saúde, considerada mais adequada para as mulheres¹⁹.

Dinâmicas no ensino superior e atuação feminina discente

¹⁷ AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 72.

¹⁸ VAITSMAN, op. cit., p. 57.

¹⁹ ABRANTES, Elizabeth Sousa. *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. São Luís: EDUEMA, 2012. p. 280.

É interessante perceber, pelas fontes, que as mulheres estavam presentes no universo acadêmico de São Luís, não apenas na condição de alunas passivas ao movimento universitário, mas também na composição de grupos e desempenhos de atividades de diretoria, docência e editorial de revistas, o que mostra maior participação na dinâmica do ensino superior e reflete que as mesmas viveram intensamente a experiência universitária. Vale ressaltar, ainda, que o fato de estarem num curso universitário já desconfigura a noção de passividade dessas mulheres.

Tem-se o exemplo do jornal “Voz Universitária” que, apesar de ter em sua diretoria exclusivamente homens, contava com a participação de Myrtes Fonseca na redação. Assim, como Terezinha de Jesus Rego, única mulher a compor o quadro do Centro Acadêmico Clodomir Cardozo, do curso de Direito, em 1957, essa mesma desempenhou papel de Rainha dos Calouros da Universidade do Maranhão, onde deveria recepcionar os calouros apresentando a universidade, ou seja, a mulher era vista pelo prisma da simpatia, responsável pelo acolhimento.

Figura 3: Rainha dos Calouros da Universidade do Maranhão (1958)



Fonte: UNIVERSITÁRIO em marcha. *A Voz Universitária* (jornal), São Luís, p. 1, 24 mar. 1958.

Cita-se outros exemplos: em 1954, a diretoria do Diretório Acadêmico “Oswaldo Cruz”, da Faculdade de Farmácia e Odontologia, era composta por oito pessoas, sendo três mulheres (Magnólia Frazão, Clotilde Oliveira e Cleaner Balata). Outro exemplo vem da composição editorial da “Revista Farmacodonto” (estudantes da Faculdade de Farmácia e Odontologia), que, em 1956, era formada por quatro pessoas, sendo uma mulher (Afoncina Nogueira)²⁰. Elizeth Passos, em sua pesquisa sobre as relações de gênero na Faculdade de

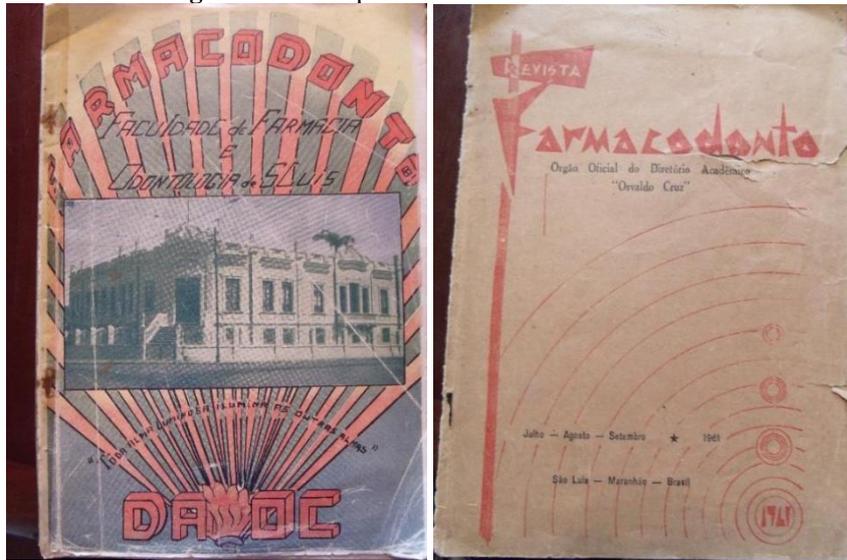
²⁰ MARANHÃO. *Farmacodonto*: Revista da Faculdade de Farmácia e Odontologia, São Luís, out./dez., p. 13-17, 1954.

Filosofia da Bahia, mostra a importância das mulheres ao assumirem cargos nas direções de Revistas acadêmicas.

Ter nas mãos esse veículo de divulgação dava-lhes grande poder, à medida em que podiam tornar públicas suas ideias e controlar a expressão dos outros, no caso, das mulheres, uma vez que seriam elas a escolher os artigos que seriam publicados. Essa lógica de distribuição do poder repetia a mesma seguida pelo modelo patriarcal, no qual as mulheres vêm falando quando e sobre o que são autorizadas.²¹

No entanto, refletindo ainda sobre as tradicionais atribuições femininas nota-se que, nos cargos de Diretoria do Diretório Acadêmico Osvaldo Cruz, a presença feminina era mais frequente no cargo de tesoureira, pois as outras funções como Diretoria, Secretariado e Redação estavam a cargo dos homens. Na Revista Acadêmica, as mulheres ainda ocupavam o cargo de secretária, reproduzindo no meio universitário as funções profissionais mais tradicionalmente associadas às mulheres e que se reportavam a trabalhos que, supostamente, exigiam mais delicadeza e atenção, pensadas como próprias do feminino. Abaixo imagens de dois exemplares desta revista acadêmica que foi inaugurada com tantas expectativas, sofreu um período de inatividade e depois foi retomada.

Figuras 4 e 5: Capas da Revista Estudantil Farmacodonto²²



Fonte: REVISTA FARMACODONTO, 1958; REVISTA FARMACODONTO, 1961.

A revista surgiu com o intuito de promover a circulação das produções científicas na área de Farmácia e Odontologia, contava especialmente com as pesquisas e escritas de acadêmicos/as destes dois cursos da capital, mas também com o apoio e prestígio da escrita de professores. Na edição de 1958, o acadêmico de odontologia Artur Rêgo relata

²¹ PASSOS, op. cit., p. 55.

²² Capas da *Revista Farmacodonto* do Diretório Acadêmico das Faculdades de Farmácia e Odontologia – à esquerda, a capa de 1958 e à direita, a capa de 1961.

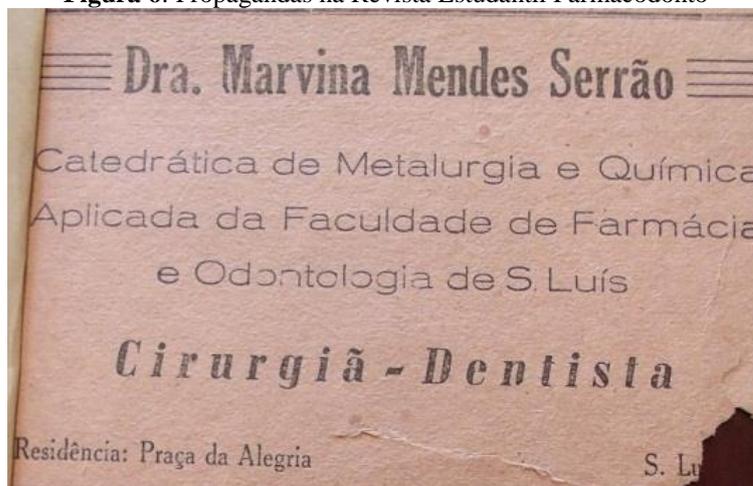
no editorial alguns dos objetivos desta iniciativa estudantil.

Faço portanto um apelo a todos os colegas para que se interessem mais por esta revista. Apresentem trabalhos, trabalhos estes que trarão sem dúvida benefícios recíprocos. Pois em nossa opinião, quem ler aprende, mas quem escreve aprende melhor. Mais do que nossos professores há razões para apresentarmos trabalhos: 1- Porque nosso interesse por publicação desta revista deve ser maior do que o daqueles; 2 – Esta é a única oportunidade que temos como estudantes, para apresentar nossas ideias com respeito a nossas profissões²³.

Com expedientes regulares, a revista estudantil sofreu alguns momentos de muita dificuldade para se manter, por conta dos custos da produção e também por conta de não ter material científico inédito suficiente para publicação, foi então que iniciaram parcerias com outras instituições do país trocando artigos acadêmicos. Para a manutenção da revista contavam também com a publicidade de serviços da área da saúde em São Luís de laboratórios, farmácias e clínicas odontológicas.

Nas propagandas veiculadas na revista “Farmacodonto” é possível observar que quase não há registro de atividades profissionais de mulheres e quando há são, em sua maioria, de docentes do quadro da universidade que também desenvolvem outras atividades em suas áreas profissionais, sobretudo dentista. Os endereços que estas poucas mulheres visíveis nas propagandas atendem é o residencial, mostrando, dentre outros fatores, que o exercício profissional feminino era mantido o mais próximo possível da família, possibilitando tanto maior permanência desta mulher no lar, como também promovendo o exercício do controle sobre as mesmas. Na publicidade masculina, os atendimentos eram, em maioria, feitos em consultórios e prédios comerciais.

Figura 6: Propagandas na Revista Estudantil Farmacodonto



Fonte: REVISTA FARMACODONTO, p. 11, jul./set. 1961.

²³ REGO, Artur Nunes do. *Revista Farmacodonto*: Revista da Faculdade de Farmácia e Odontologia, São Luís, n. 1, p. 11, nov. 1958.

Figura 7: Propagandas na Revista Estudantil Farmacodonto

Fonte: REVISTA FARMACODONTO, p. 13, jul./set. 1961.

Havia, ainda, nas edições desta revista a veiculação de informações de outros estados, congressos, concursos e publicações de acadêmicos(as) e docentes de outras universidades do país, assim como foi possível encontrar trabalhos de maranhenses (até onde tem-se registro, todos homens) em outras revistas de estudantes do país, tais como: “Revista Odontólogo”, de Belo Horizonte, “Revista Gaúcha de Odontologia” e “Ensino Odontológico no Brasil”, do Rio de Janeiro, todas com correspondentes homens do Maranhão que escreviam nas colunas estudantis.

Nas poucas imagens que começaram a aparecer nas publicações da década de 1960, as mulheres sempre eram apresentadas como consumidoras e pacientes, a função profissional ainda era representação associada ao masculino. Como ilustra um exemplo abaixo:

Figura 8: Propaganda da Revista Estudantil Farmacodonto

Fonte: REVISTA FARMACODONTO, 1961.

Reportando-se ainda à interação de homens e mulheres nos três primeiros cursos superiores na capital, pode-se fazer um paralelo entre os rendimentos de alunos e alunas no exame vestibular do curso de Direito, onde se identificam melhores resultados nas médias de notas das mulheres, muito embora o número de candidatas ter sido sempre bem inferior.

Quadro 4: Média de Notas no Vestibular para o Curso de Direito

	Mulheres	Homens	Média de notas - mulheres	Média de notas - homens
1946	2	11	8,49	7,39
1947	2	4	7,7	6,11
1948	2	16	8,85	6,79
1949	6	25	8,6	7,96
1950	4	15	6,6	6,05
1951	6	42	8,053	7,06
1952	11	24	6,09	5,95
1953	4	33	7,41	7,005
1954	5	19	6,07	5,02
1955	8	24	6,76	6,28

Fonte: Secretaria do curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão.

Como aponta o quadro acima, a média de notas das mulheres no vestibular para o curso de Direito é superior, em todos os anos analisados, às notas dos homens, em contraponto o quantitativo dessas mulheres é significativamente inferior, com exceção do ano de 1952, onde o número de mulheres se eleva chegando a quase metade dos homens. Sobre a relação do desempenho de alunas e alunos no ensino superior em São Luís, dos cursos de Farmácia e Odontologia, os registros de diários e notas da própria Universidade Federal do Maranhão apresentam a seguinte comparação:

Quadro 5: Comparativo de Desempenho de Alunos e Alunas do Curso de Farmácia e Odontologia

Curso	Ano	Número de alunos/as		Média de notas (valor de referência é a nota 10,0)		Notas acima de 7,0	
		FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC
Odonto	1º /58	14	21	4,75	5,14	01	05
Odonto	1º /58	07	09	5,00	3,75	01	00
Odonto	1º /59	07	13	7,3	7,8	03	05
Odonto	1º /59	07	13	5,1	4,1	00	00
Odonto	2º /59	08	20	7,4	6,6	04	10
Odonto	2º /59	08	20	9,1	7,3	07	15
Farmác	1º /59	05	09	7,5	5,5	03	02
Farmác	1º /59	05	09	6,5	4,5	02	03
Farmác	2º /59	06	07	4,8	4,3	03	01
Farmác	2º /59	06	07	5,7	5,8	02	01
Farmác	2º /59	06	07	3,5	2,5	00	00
Odonto	1º /61	16	16	3,6	4,1	00	00
Odonto	1º /61	16	16	4,6	4,5	03	01

Odonto	3º/61	04	10	7,6	8,6	04	07
Odonto	3º/61	04	10	8,6	8,1	04	08
Odonto	3º/61	04	10	5,0	5,2	01	04
Odonto	3º/61	04	10	8,1	7,1	04	06

Fonte: Acervos de Notas e Diários da Universidade Federal do Maranhão (1958-61).

Primeiramente, observa-se que a média de notas entre homens e mulheres é muito próxima, porém, em quase todos os períodos dos anos mostrados há uma superação do desempenho acadêmico feminino, no entanto, quando se busca nas duas últimas colunas do quadro quantas notas acima de sete aquela turma alcançou, percebe-se que a média masculina ainda é maior. Nestes dados a diferença de desempenho é tímida e reflete, em termos de notas, relativa paridade entre os sexos quanto às cadernetas nas disciplinas dos cursos de Farmácia e Odontologia, com isso não queremos afirmar que se tratavam de relações iguais entre homens e mulheres, mas que a presença das mulheres no meio acadêmico foi marcada por práticas atuantes e expressivo desempenho.

Em São Luís, na ausência do tradicional curso de Medicina, o mais prestigiado na área da saúde era Odontologia, pois traria mais *status*, era considerado mais difícil (desde o exame de admissão), custava mais caro para a manutenção (por conta dos instrumentos que cada aluno(a) deveria ter para participar das aulas práticas e também da deficiência dos consultórios da Faculdade) e ainda promoveria maior renda após a formação. Deste modo, enquanto o curso de Farmácia era considerado mais adequado às mulheres, Odontologia atraía um público masculino expressivo, no entanto, mesmo assim as mulheres marcavam presença.

Ao mapear o grau de concorrência para os cursos superiores de universidades em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Maranhão, em 1975, Carmen Lúcia Barroso e Guiomar Mello mostram que o Maranhão é o único estado em que aparece expressiva presença de mulheres entre os/as candidatos/as, para as autoras uma possível explicação se dá porque os rapazes iam em busca de outros cursos ainda não ofertados na capital maranhense.

A elevada porcentagem do Maranhão pode surpreender à primeira vista, mas é facilmente compreensível se levarmos em conta a inexistência, naquele estado, das escolas de Engenharia, Agronomia, Administração e Veterinária, justamente aquelas nas quais a participação masculina costuma ser maior. É provável que muitos dos rapazes que desejam seguir essas carreiras dirijam-se para outras cidades, diminuindo a representação masculina no total de candidatos da Fundação Universidade do Maranhão²⁴.

²⁴ BARROSO; MELLO, op. cit., p. 60-61.

Como as mulheres não tinham maiores facilidades em viajar, e ficar longe de suas famílias e/ou pessoas que exercessem o papel de vigilantes da moral feminina, o caminho mais aceitável para realização de curso em nível superior era fazê-lo em seu estado de origem. Vaitsman aponta em sua pesquisa que o “modelo” de escolha de cursos superiores teve uma alteração entre as mulheres, onde o interesse se estendeu para áreas antes consideradas masculinizadas. Segundo a autora:

Apesar da tipificação de áreas femininas no ensino superior, que conduziam ainda grande parte das vezes ao magistério, agora não mais primário, mas secundário, o qual se ‘feminizou’, a participação universitária das mulheres ia se equiparando à masculina. [...] Ao aumento da participação feminina na educação seguiu-se o da força de trabalho, que praticamente dobrou em 30 anos. As mulheres foram invadindo as profissões da área técnica, até então tipicamente masculina, com maior prestígio e/ou renda, como nas áreas de engenharia, arquitetura, medicina, economia, ensino superior, odontologia e direito, etc.²⁵

No Maranhão, a análise dos vários anos de matrícula, a partir desses relatórios, permite-nos concluir que, a despeito das mulheres serem maioria no cancelamento das matrículas e estarem em menor número que os homens nos cursos, via de regra, a presença feminina em todos os níveis educacionais crescia ao longo do século XX, particularmente em cursos específicos como Farmácia.

Podemos utilizar alguns dados para demonstrar o desempenho de frequência e notas entre homens e mulheres nos cursos de Farmácia e Odontologia. Durante a década de 1950, o número de mulheres matriculadas no curso de Farmácia foi quase o dobro em relação aos homens e, na década de 1960, a diferença entre os sexos diminuiu, porém, a presença feminina foi de 122 para 97 masculina. Em 1958, na turma de 1º ano, a média de presença feminina foi sensivelmente superior à masculina, com cerca de 2% a mais, levando em conta a proporção de homens e mulheres matriculados, pois havia 21 para 13, respectivamente. Neste mesmo período 03 matrículas foram canceladas, destas 01 era de mulher.

No curso de Odontologia a frequência feminina foi de 95%, enquanto a masculina foi de 78%, e a média de notas das mulheres em seus desempenhos acadêmicos foi superior à masculina, embora ainda se tenha um quadro onde os homens são maioria neste curso. Havia um movimento ativo de mulheres no ensino superior em São Luís e pode-se ter um exemplo disso ao observar que as mulheres eram maioria na conclusão do curso de Farmácia, sendo também maioria desde as matrículas.

²⁵ VAITSMAN, op. cit., p. 67.

As mulheres docentes

A dinâmica que envolvia homens e mulheres no ambiente universitário abriu espaço para diversas atuações profissionais. Na década de 1940, as mulheres já eram professoras dos cursos existentes em São Luís e, na década de 1970, já havia mulheres compondo a direção do conselho de campus²⁶. No curso de Odontologia uma mulher somente chegou à chefia do curso em 1970, a professora Otildes Maria Gomes de Sousa e como subchefe a professora Alina de Sousa Araújo, no departamento de Odontologia I, e Isabel Carvalho Magalhães e Benedita Leite, no departamento de Odontologia II.²⁷

Em 1944, é possível, por exemplo, identificar na composição do quadro docente de catedráticos fundadores do Curso de Farmácia que dos 12 professores que o compunham, um era uma mulher, a professora Antonia Arruda Soares que ocupava a cadeira de Farmagnósia. E, entre os catedráticos fundadores do Curso de Odontologia, na década de 1940, dos 13 professores, todos eram homens. Ainda que timidamente, ter uma mulher professora é uma expressão de abertura da profissionalização feminina também para o magistério superior, já que, no magistério primário, as mulheres já eram maioria. Esta professora do curso de Farmácia será a primeira de um universo em que a presença feminina nos anos de 1960 e 1970 já seria bem mais comum.

Seguindo o ritmo de feminização, o curso de Farmácia vai documentar maior número de mulheres auxiliares de ensino e alunas monitoras. Porém, em ocasião do I Congresso Maranhense de Farmacêuticos, 1970, tem-se o registro de palestras apenas de homens, dentre estes, alguns convidados de universidades de São Paulo, as mulheres apareceram apenas na comissão de relações públicas. Isto nos aponta algumas questões importantes: um curso que é formado por expressiva participação feminina, porém tem uma aparição pública de maior prestígio masculina. Como aborda Passos:

O nível de maior prestígio na hierarquia docente era ocupado, quase que exclusivamente, pelo sexo masculino, e que as disciplinas teóricas e com maior poder de reflexão, também. Assim, sobravam às mulheres que se propusessem enveredar pelo ensino superior, as disciplinas práticas e as ocupações de menor prestígio e menor retorno econômico²⁸.

Ainda no curso de Farmácia, já na década de 1970, o curso possuía três departamentos docentes com a seguinte configuração: no primeiro, tem-se metade do corpo

²⁶ BRASIL. Universidade Federal do Maranhão. Documento de Construção do Campus. São Luís, 1993.

²⁷ MARANHÃO. Farmácia de Odontologia da Universidade do Maranhão. *Histórico*. São Luís, 1980.

²⁸ PASSOS, op. cit., p. 49.

docente formado por homens e a outra metade por mulheres; em relação à representação estudantil, apresentava-se uma aluna como representante, mas, na diretoria dos departamentos, apenas a secretária era mulher, sendo os diretores todos professores. No segundo departamento, dos cinco docentes, três eram mulheres sendo uma delas chefe de departamento e o mesmo se repete no terceiro departamento. No relatório anual da diretoria da faculdade de Farmácia da Universidade do Maranhão, em 1972²⁹, o registro de atividades acadêmicas como apresentação de trabalhos, publicações, cursos promovidos, conferências e palestras, a quase totalidade das participações é masculina, ainda que o número de mulheres seja equiparado e mesmo superior ao de homens, observa-se que a atuação pública e de divulgação de produção acadêmica nestes cursos era ainda mais marcado pela atuação masculina, porém, identificar a presença destas mulheres já é um importante passo na história da educação.

Já se consagrava, desde fins do século XIX, que uma das profissões consideradas mais “apropriadas” às mulheres era a do magistério, sobretudo o das séries iniciais, por diversos fatores já elencados aqui. No entanto, o magistério superior estava mais associado aos homens por envolver o regime de cátedras, pesquisa e ser considerado algo de maior prestígio, assim, às mulheres que se lançavam para a docência no ensino superior havia um desafio social a ser vencido.

Tradicionalmente exercido por mulheres de classe média, condizente com a natureza feminina, o magistério primário não desafiava o desempenho dos papéis domésticos. Pelo contrário, ratificava-os, reproduzindo as funções maternas fora de casa, mas ainda num espaço de socialização de crianças. Além disso, não exigia um horário de tempo integral, proporcionando ao mesmo tempo férias que eram longas e coincidiam com as férias dos próprios filhos. Contudo, um número cada vez maior de adolescentes pós-50 recusavam este caminho, diante das possibilidades abertas pelas mudanças na estrutura educacional e ocupacional³⁰.

No entanto, outros níveis de exercício do magistério primário já não se configuravam como os únicos às mulheres. A docência superior apareceu como uma alternativa com maior rentabilidade e, ainda, possibilidade de adequação de horários, mostrando-se como uma carreira que não levantava quaisquer suspeitas para a moral daquelas que as seguiam.

Documentos de registro de funcionários, atas e organização docentes da Faculdade de Farmácia e Odontologia evidenciam que, nas décadas de 1950-60, todos os cargos de diretor dos cursos foram ocupados por homens, nos dois cursos, a exemplo de Barcelar Portela, diretor do curso de Farmácia em fins de 1950, substituindo,

²⁹ MARANHÃO. Universidade Federal do Maranhão. Faculdade de Farmácia. *Relatório Anual da Diretoria da Faculdade de Farmácia*. São Luís, 1972.

³⁰ VAITSMAN, op. cit., p. 93.

temporariamente, Salomão Fiquene, que foi Diretor do Curso de Farmácia de 1948 até 1970, excetuando-se o período que teve que se afastar. O curso de Odontologia contou com Jerônimo Pinheiro, diretor ao longo da década de 1970, mas o cargo de secretária era composto por mulher, Carmen de Moraes Rego, que ficou no cargo de 1948 até fins da década de 1970, quando se aposentou.

Conclusão

Vários fatores levaram as mulheres a ingressarem com mais frequência no ensino superior, desde a necessidade de ampliar a renda familiar, por conta da nova estrutura econômica nacional, até a exponencial demonstração pública de que uma senhora dona de casa não poderia mais se apresentar com uma educação limitada. Houve, assim, um processo de combinação entre possibilitar a educação feminina de forma a substituir-lhe o dote material pelo simbólico e, dessa forma, promover um acesso ao ensino e dando novas características para as desigualdades que já estavam estabelecidas sobre as mulheres.

Por mais que esta abertura para a educação não signifique maior autonomia ou libertação da mulher, pois, como defende Susan Besse³¹, houve uma modernização da sociedade, da educação e profissionalização sem que houvesse igualdade, o que se deve observar é o que as mulheres, em seu cotidiano, suas experiências e especificidades aproveitaram e usaram ativamente da instrução, maior circulação no meio urbano, profissionalização e outras vivências dentro do processo de modernização da sociedade, onde se tornaram protagonistas de suas próprias histórias.

Alguns dados a mais sobre as Faculdades no Maranhão apresentam que, no ano de 1948, a colação de grau das faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia teve um número de formandos muito próximo entre os sexos: na faculdade de Direito formaram-se três mulheres e quatro homens; em Farmácia eram duas mulheres e três homens; e, em Odontologia, eram três mulheres e número igual de homens formandos. É possível identificar, desta forma, a relevância da presença feminina no ensino superior.³²

Mas, também se percebe que esta educação formal não foi como um presente concedido às mulheres do século XX e sim resultado de longos processos de conquistas, lutas travadas no âmbito público e sobretudo no espaço privado. Muitas mulheres ingressaram no ensino superior e aproveitaram aquele espaço de poder e disciplina para alcançar o maior

³¹ BESSE, op. cit.

³² O COMBATE (jornal), p. 4, 18 dez. 1948.

número de experiências possíveis, ainda que com algumas limitações sociais impostas. Com isso, não afirmamos que as mulheres presentes nos cursos de ensino superior, no Maranhão, tinham um projeto emancipatório articulado, pois faltariam elementos para tal afirmação, mas expressamos que a modernização dos quadros educacionais locais foi espaço também para projeção feminina em espaços públicos no ensino superior e a veiculação midiática (jornais, revistas, propagandas). Exemplo dessa visibilidade se deu quando as mulheres eram identificadas como graduandas e concludentes em diversas áreas dos cursos superior no estado, ou mesmo como componentes cada vez mais expressivas na vivência acadêmica. Alguns com tom de crítica e disciplinarização dos corpos, como mostra o trecho a seguir:

Há em nossos dias uma verdadeira febre de 'intelectualidade' entre as mocinhas que frequentam as Universidades de todo mundo. [...] Em S. Luís, esse fato apresenta menores proporções mas já sentimos muitos casos de juvenzinhas intelectualizadas, principalmente no ambiente universitário, lutando lado a lado com os rapazes pelos direitos da classe e disputando com eles os lugares de destaque no campo intelectual. Há pouco, com a realização do Congresso Universitário que culminou com as eleições para a diretoria da UME, tive ocasião de observar a participação ativa do elemento feminino na elaboração, organização, andamento do Congresso e na própria campanha política³³.

Apropriar-se de um ambiente de poder e vigilância como as instituições educacionais, para projeções coletivas e individuais no ensino superior foi uma das armas utilizadas por mulheres maranhenses que, diante de uma perspectiva ainda patriarcal³⁹, demonstravam suas habilidades em comissões, redações de periódicos, obtendo maior frequência nos cursos, maiores notas, exercendo atividades como monitorias, auxiliares de ensino e mesmo docência superior. Ainda que muitas dessas personagens da história educacional maranhense tenham se tornado mães e esposas após a conclusão de seu curso superior, não exercendo as profissões em que se formaram, a presença e atuação de tais mulheres não podem ser ignoradas em instituições criadas por homens e para homens, fruto de políticas educacionais que dificilmente privilegiaram as mulheres.

Apesar de serem a maioria na faculdade, as mulheres (alunas) participavam das atividades, mas não ocupavam os postos de mando e de poder de decisão; preenchiam as plateias como ouvintes e quase nunca como conferencistas ou oradoras; elaboravam artigos que eram divulgados na revista da faculdade, porém versando sobre temas artísticos ou culturais, e raramente discutindo ou colocando seu ponto de vista sobre questões sociais ou políticas³⁴.

A dinâmica da atuação das mulheres no ensino superior foi marcada por duas perspectivas antagônicas: a primeira se dá ao analisar que alguns papéis ainda eram quase que exclusivos dos rapazes, como lideranças em centros acadêmicos, revistas estudantis,

³³ CLÁUDIA (suplemento feminino - o tipo intelectual). *Resistência* (jornal), p. 3, 6 out. 1957.

³⁴ PASSOS, op. cit., p. 138-139.

escrita universitária e representação em cargos e funções institucionais, de forma geral; por outro lado, percebe-se que a interação feminina nas faculdades aponta que grande número de mulheres eram atuantes em seus cursos onde desempenhavam atividades de extensão e de pesquisa, participavam de congressos com apresentação de trabalhos e tinham ótimo desempenho de notas, como mostram as pessoas entrevistadas para este trabalho.